

o num mês de maio — o do ano de 1820 — que nasceu o soldado de Florença, Itália, mas de país britânico o que nessa, Florence Nightingale, cunhada pelos soldados a "assistente na Guerra da Crimeia", "A Dama da Lanterna", depois mundialmente reconhecida por paladina, a padrona da enfermagem.

Foi num mês de maio — o do ano de 1880 — que morreu na cidade do Rio de Janeiro, Ana Nery, nascida na então Vila da Cachoeira do Paraguai, em dezembro de 1814, cognominada entre os soldados a que assistia, na guerra do Paraguai, "A Mãe dos Soldados", e que a Cruz Vermelha Internacional definiu com suas palavras: "Colocada em verdadeiro quadro, a silhueta de Ana Nery se distingue entre todos os precursores que teve a Cruz Vermelha por sua grandeza splêndida e simbólica".

UMA PRECURSORA MÁS ANTIGA

Em matéria de pionirismo, contudo, a Bahia tem privilégio antigo, porque dos séculos que Florence Nightingale e Ana Nery desse admiramáveis exemplos de amor ao prório, veiu nesta criada do Salvador essa mulher chamada D. Francisca de Sá, que se alçou às turas que só grandes heróis podem atingir.

Foi no ano de 1686 que desceu sobre a cidade da Bahia a calamidade da "epidemia da bliga", como o povo denominava a doença a marela".

Sebastião da Rocha Pita, em sua História da América Portuguesa escreve: "que se contavam mortos, pelos enfermos", "duas dias em que caíam duzentos e não escapavam dois". Estavam cheias, as casas, de horizontes, as igrejas de cadáveres, as ruas de tumbas". E o ilustre balanista Waldemar Mattos, de quem estamos transcrevendo estas citações, acrescenta: "Nesta quadra, surgiu ao lado do governador Marquês das Minas a respeitável e heróica figura de D. Francisca de Sá, que, à sua custa e com singular benevolência, tratou de muitos enfermos, fazendo de sua casa um hospital".

Nesta casa — um nobre solar na atual Avenida Sete, esquina com o Beco de Maria Paz — eram recolhidos "doentes que não cabiam no (hospital) da Misericórdia e recolhendo outros voluntariamente escolhidos, pela devoção a quem pagava, e todos medicamentos dispensando considerável soma de gainhas, anões, canas, roupas, e tudo que podia ser preciso para a vida, comodão e assento dos enfermos, por força do seu cuidado e da sua caridade; virtudes que mereceram o agracamento do sellissímo senhor D. Pedro II, em honrosa carta de louvor servido mandar-lhe essa obra citada".

Os que vieram com a epidemia, pelo visto, era senhora D. Francisca de Sá, que com a epidemia, foi a única sobrevivente. Waldemar Mattos, de abalizado considerável o patriotismo da família, constituído de sete herdeiros dos seus pais e deixados por seu marido, senhor D. Joaquim da Bahia, ainda não resgatou suficientemente a dívida que tem com D. Francisca de Sá.

atos, usando de influência junto aos poderosos e policiando o sentimento próprio e o de suas enfermeiras, sem deixar, contudo, de ser uma dividanda para seus enfermos. Um soldado britânico, hospitalizado em Scutari, disse dela, um dia em que um capelão quis fazer uma igreja com o dinheiro enviado a Florence para a compra de roupas e medicamentos:

— Essa hospital é a nossa Igreja e a senhorita Nightingale é o nosso anjo da guarda.

E Marques Rebelo comenta: "Florence era um anjo, sim, mas de espada erguida e flamejante. Ana Nery era puro anjo, puro amor, puro afeto que lutava apenas com o coração e esforço individual. Sua figura magnífica trouxe a contribuição impar de seu exemplo de coragem e dignidade feminina, mas não pôde ela promover as reformas sociais".

A FORÇA DO AMOR

Ana Nery, nascida Ana Justina Ferreira, na Vila da Cachoeira do Paraguai, até os 50 anos de idade viveu uma existência que não se diferenciava da de todas as mulheres da época e de sua condição social. Casou-se com o capitão-de-fraga Isidoro Antônio Nery, que faleceu a bordo do brigue "Três de Maio", no Maranhão, e do qual teve três filhos: Isidoro Antônio, Antônio Pedro e Justiniano.

Até o ano de 1865, Ana Nery foi esposa e mãe, voltada exclusivamente para seus deveres domésticos, cumpridos com a dedicação e a austeridade que eram as virtudes comuns às senhoras da época. Mas, naquele ano, o Brasil, que já se havia envolvido em outros conflitos com os vizinhos do Sul, foi levado a envolver-se na maior das guerras até hoje travadas no continente sul-americano.

Descendente de militares, a venerável cachoeirana não poderia ter outra atitude diante do chamamento que a Pátria fazia para seus filhos: teria não apenas que aceitar, mas, também, que estimular a sua decisão de oferecerem-se voluntariamente, para servir no Exército brasileiro. E viu partir, para os charcos do Sul, os irmãos Manoel Jerônimo Ferreira e Joaquim Maurício Ferreira, e os filhos Isidoro Antônio e Antônio Pedro. Restava-lhe apenas o caçula, Justiniano, sextanista de Medicina. Também ele seguiu, com aprovação materna, para o campo de batalha.

NASC A HEROÍNA

O civismo e o amor materno tornaram impossível para Ana Nery a solidão a que a guerra a condenara, a distância em que ficaria do teatro daqueles acontecimentos onde se decidiam, ao mesmo tempo, a sorte das armas brasileiras e a vida dos filhos. E ela resolveu, para estar junto dos filhos e, ao mesmo tempo, ajudar no esforço da guerra, seguir para o Sul.

Mas, como poderia realizar esse intento se, diante dela, barreiras aparentemente intransponíveis se levantavam? Ana Nery restava atacar, de frente, o problema, e escreveu a seguinte carta ao presidente da Província, Manuel Pinto de Sousa Dantas: "Im 9º e Ximº Sr.

Tendo já marchado para o Exército dois de meus filhos, além de um irmão e outros parentes, e havendo-se oferecido o que me restava nesta cidade, aiuno de 6º ano de Medicina, para também seguir a sorte de seus irmãos e parentes na defesa do Brasil, oferecendo seus serviços médicos, como brasileira, não podendo resistir à separação dos objetos que me são caros e por tão longa distância, desejava acompanhá-los por toda parte, mesmo no teatro da guerra, se isto me fosse permitido mas, opondo-se a este meu desejo, a minha posição e o meu sexo não impedem, todavia, estes motivos, que eu ofereça meus serviços, em qualquer dos hospitais do Rio Grande do Sul, onde se façam precisos, com o que satisfarei, ao mesmo tempo, os impulsos de mãe, e os deveres de humildade para com aqueles que ora trazem suas vidas para honra e glória nacionais e integridade do Império".

Traçando um paralelo entre Florence Nightingale e Ana Nery, contemporâneas e engandeadas, ambas pelas nobres tarefas que executavam, Marques Rebelo afirma com muita propriedade: "Florence, que nunca fora e dedicara-se aos seus "filhos" espirituais, tinha menos pura e raciocinava mais seu

ANA NERY A MÃE DOS BRASILEIROS

Texto de Adroaldo Ribeiro Costa



Retrato de Ana Nery, por Prescilliano Silva. Tela, em grandes dimensões, existente no Instituto Histórico da Bahia.

Digne-se V. Excia. de acolher, benigno, este meu espontâneo oferecimento, ditado tão-somente pela voz do coração.
Deus guarde a V. Excia.
Bahia, 8-8-1865.

Ana Justina Ferreira Nery".
"Tal documento — como acentua Edith Mendes da Gama e Abreu — não revela uma mulher de letras mas vale por um precioso índice psicológico, a conduz-nos ao julgamento da sua sensibilidade de mãe e inclinação de altruista". E o mesmo juiz deve ter feito o presidente da Província, que a 13 do mesmo mês e ano (cinco dias depois do recebimento da carta, portanto) enviou a Ana Nery a seguinte resposta:

"O rasgo de patriotismo e de abnegação de V.M. depois de ter visto seguirem para o campo de guerra, em que se acha emprenhada o país, um irmão e dois filhos e, agora, o terceiro como médico, se oferece para acompanhar-lhos em tão nobre missão, prestar os serviços de humanidade compatíveis com seu sexo e idade, nos hospitais do Rio Grande do Sul, não pode deixar de ser benevolentemente acolhido por esta presidência, que folga de louvar os sentimentos com que V.M., por este ato tão importante e digno de inveja, se torna recomendável ao país".

Acaso, pois, tão espontâneo oferecimento e vontade de ser expedida ordena ao conselheiro Comandante das armas com quem se entenderá V. M. para ser contratada como 1ª enfermeira, e, devendo, seguir para o Rio de Janeiro".

Não é, também, a resposta nenhuma primor de estilística, mas nela o principal está dito e revela a sensibilidade do presidente da Província, a sua até

mal imaginados, alargaram-se, aquiescência ao pedido de ilustração. Em suma a resposta foi o passaporte concedido a Ana Nery para penetrar na História.

O HEROISMO

A partir do momento em que Ana Nery se viu diante da realidade da guerra, seus horizontes, em vez de contrairam-se com os horrores presenciados e antes,

certo ponto surpreendente, por força da consciência, logo adquirida, de que muito mais ampla e profunda era a missão a que se propunha.

Assim, em vez de limitar a sua ação aos "hospitais do Rio Grande do Sul", como sugerira na sua carta-pedido, estende-a a Curupaiti, Humaitá, Aquidabá, Corrientes, a Assunção, onde fundou "no próprio lar, às próprias custas, com a ajuda de seu

filho médico, um corpo de saúde e uma enfermaria".

A essa expansão geográfica correspondeu uma amplitude ainda maior ao que ela, inicialmente, considerava "impulsos de mãe e deveres de humanidade". Estende a todos, até mesmo ao inimigo que lhe roubará um dos filhos, o seu humanitarismo, como foi dito na famosa carta que um soldado endereçou aos seus familiares:

"Quisendo a bala inimiga vinya ferir aqueles que lutavam à sombra do pavilhão nacional, ai deles se não encontrasse, longe da Pátria, o amparo nos braços daquela mãe terna e carinhosa. E não era somente o soldado brasileiro. Para elas a dor não tinha pátria, o sofrimento não tinha milícia, a caridade não tinha coroa! Amigos ou alia-dos, inimigos ou indiferentes, todos eram, para Ana Nery, que reunia em si todas as virtudes, irmãos infelizes que reclamavam desvelos, que ela, mãe solitária, não se cansava de distribuir com esse carinho que impunha estima e admiração a quantos dela se aproximavam".

MAE DOS BRASILEIROS

Esse foi o título que lhe conferiu o Exército Brasileiro, oficializando o que já era um consenso geral, ao término da Guerra do Paraguai.

Do volta ao Brasil, Ana Nery foi recebida com as maiores homenagens. Agraciou-a D. Pedro II com medalhas de campanha e uma pensão; em sua passagem pelo Rio de Janeiro recebeu, de nobres senhoras, manifestações de carinho e reconhecimento.

Encantou-se a Bahia para rececer-la. Em Salvador houve festas ruidosas, seu retrato, em tamanho natural, foi pintado por Victor Meireles, e, depois, por Prescilliano Silva, e não faltaram os poetas ansiosos por exaltá-la, como Castro Rebelo, nestes versos:

É grande o século que fere
O vivo fulgor dos sois,
Te erguendo uma estátua, Nery,
Entre colunas de heróis!
É nobre o manto dourado
Que o povo deseja elevado
Para estendê-la a teus pés,
E a nação que hoje elevanta
Ante as aras sacrossantas
Dona brilhante teus lauréis!

Também em Cachoeira, a Heróica, recebeu Ana Nery, em ruidosas festividades, o reconhecimento pelos seus feitos, o julgamento dos contemporâneos sobre a obra que realizou. Planou amor. E amor coube.

No Cemitério de S. Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, ela passou a repousar, dez anos após a sua volta triunfal. Os episódios de que participaria iriam precipitar os acontecimentos da década de 80 do século passado, provocando profundas transformações no país. Deles, Ana Nery não seria testemunha. A 20 de outubro de 1880 falecia, na segunda capital do país e sobre sua lousa, foi gravado o seguinte epitólio:

"Aqui descansam os restos mortais de D. Ana Nery, denominada "Mae dos Brasileiros", pelo Exército da campanha do Paraguai".

Não singlesta dessa inscrição, o melhor testemunho da gratidão do povo brasileiro e a melhor esperança de que jamais desvaneca a crença nos valores morais de que Ana Nery foi uma das expressões mais altas.



Sua carga transportada a jato economicamente

Remeta sua ENCOMENDA ou CARGA, seja qual for o TAMANHO ou PESO, pela

VARIG  

SALVADOR LOJA DE CARGA Rua do Pilão, 38
Tels: 242-1237 • 242-4959 • 243-1344 • 243-7811

LOJA DE PASSAGENS e CARGA Av. Estados Unidos, 2. Edif. João VI - Loja C
Tels: 242-2924 • 242-3010 • 243-1344 • 243-7811

TERMINAL DE CARGA AEROPORTO Tels: 991-1015 • 991-1016 • 991-1411 a 1414 R. 192

GERÊNCIA DE VENDAS Rua Miguel Calmon, 19 - Sobralia
Tels: 243-3880 • 243-1344 • 243-7811

Jatos exclusivos para cargas. Diariamente. Carga aérea ao Sul e para o Norte. E carga aérea também de 1ª classe para qualquer parte do mundo. Não importa o tamanho ou o peso, sua encomenda ou carga segue em modernos jatos equipados com "pallets" independentes, manipulados por pessoal especialmente treinado para tratar sua carga como ela merece. É um serviço paletizado da Pioneira.